

Intervenção da Ministra da Saúde

40 anos do SNS | Desafios da ARSLVT para as próximas décadas

3 de dezembro de 2019

Exmos. Sr. Presidente da ARSLVT, Dr. Luís Pisco

Diretor do Palácio Nacional da Ajuda, José Alberto Ribeiro

Exmos. Senhores dirigentes da saúde,

É para mim uma honra estar entre vós a debater um tema que me é particularmente caro – 40 anos do Serviço Nacional de Saúde. Este encontro é o exemplo de como o Serviço Nacional de Saúde está vivo e todos os dias reforça as suas preocupações com os cidadãos que o procuram. Saúdo por isso a ARSLVT por esta iniciativa.

Ao longo destes 40 anos, num percurso nem sempre isento de dificuldades, o SNS foi-se consolidando e ganhou a simpatia dos portugueses.

Prestar cuidados de saúde a todo e qualquer cidadão português, garantindo a todos, um Estado social que não exclui, que não exila, que não marginaliza.

O recente processo político de aprovação da Lei de Bases de Saúde demonstrou que todos nós, portugueses e portuguesas, concordamos que o Serviço Nacional de Saúde é a forma de garantir que todos têm acesso a cuidados de saúde de qualidade, quando deles necessitam, na medida em que necessitam.

Temos, enquanto cidadãos, uma visão comum para a saúde – uma visão baseada no Serviço Nacional de Saúde. Nesta legislatura, o Governo reafirma o princípio da responsabilidade do Estado no garante e na promoção da proteção da saúde através do SNS.

Minhas senhoras e meus senhores,

A promoção da saúde como direito humano fundamental, que convoca uma abordagem transversal de *saúde em todas as políticas* e de *saúde global*; a integração de cuidados como a melhor resposta ao atual desafio da multi-morbilidade e a garantia de equidade no acesso à saúde tem no investimento e compromisso públicos o melhor garante e continuam a justificar o Serviço Nacional de Saúde. Urge, então, pensá-lo no futuro. Urge, preparar o SNS para o futuro.

Portugal é um país envelhecido. Os portugueses vivem, hoje, vidas mais longas. Mas a sua esperança média de vida saudável à nascença não acompanhou, na mesma proporção, o aumento da esperança de vida. E aos 65 anos os portugueses têm apenas 6 anos de esperança de vida saudável, ao passo que os seus vizinhos nórdicos têm mais de 15 anos. Por outro lado, os portugueses têm menos filhos. O índice sintético de fecundidade permanece num valor muito abaixo do necessário para a reposição geracional. Por efeito destes dois fatores, a estrutura demográfica do país alterou-se substancialmente: 21% dos portugueses têm mais de 65 anos e apenas 14% menos de 15 anos.

Portugal é um país na quarta transição epidemiológica. A mortalidade deslocou-se dos grupos mais jovens para os mais idosos e a morbilidade prevalente das doenças infecciosas para as doenças não transmissíveis. As doenças do aparelho circulatório e os tumores malignos, são as principais causas de morte e também as principais causas de morte prematura. Os seus principais fatores de risco são comportamentais, associados ao consumo de álcool, tabaco, dieta inadequada e sedentarismo. As principais causas de anos vividos com incapacidade são as doenças não transmissíveis,

destacando-se as perturbações músculo-esqueléticas e as doenças mentais.

Os portugueses enfrentam cada vez mais multi-morbilidades. 60% dos inquiridos no último Inquérito Nacional de Saúde referiu sofrer de uma ou mais doenças crónicas. Como consequência natural do envelhecimento, as demências estão a aumentar. Dados do último relatório da OCDE apontam para uma prevalência de demência na população portuguesa em 2050 de 40.5%.

O efeito conjugado destes fatores tem gerado uma pressão crescente no SNS.

Para o governo, a visão das próximas décadas para o SNS, é a de um SNS mais justo e inclusivo que responda melhor às necessidades da população. Responder melhor às necessidades de saúde da população, necessidades atuais e vindouras, passa, necessariamente, por criar mais resposta a nível dos cuidados de saúde primários: revendo e universalizando o modelo das unidades de saúde familiar a todo o país; apostando em unidades móveis nos territórios de baixa densidade que prestem em proximidade cuidados de saúde primários; melhorando a resolutividade e a oferta de tipologia de

cuidados a nível dos CSP, garantindo uma equipa de saúde familiar a todos os portugueses. É por termos consciência desta importância vital que, até ao final de dezembro vão abrir **até mais 20 unidades de saúde familiares (USF)**.

E Como anunciado na passada semana, foi autorizada a passagem de 20 USF a modelo B, dando continuidade a esta aposta nos Cuidados de Saúde Primários e no desenvolvimento das equipas, permitindo, assim, aumentar a motivação dos profissionais.

Mas mais. Responder melhor às necessidades de saúde da população passa por garantir maior equidade no acesso, não só reduzindo os custos que os cidadãos suportam mas alargando a cobertura em áreas como a saúde oral.

Responder aos desafios do futuro, passa por apostar na geração de hoje, nas crianças e nos jovens, garantindo-lhes o máximo potencial de desenvolvimento para que, de futuro, sejam adultos mais saudáveis.

Responder melhor às necessidades de saúde da população passa, também, por assegurar tempos adequados de resposta: aumentando a oferta e gerindo-a de forma eficiente e programada; aumentando a eficiência e produtividade da atividade assistencial.

Para que a visão de futuro para o SNS se concretize, é fundamental a constante atenção aos recursos humanos e às condições do seu trabalho. É necessário reforçar os recursos humanos, melhorando a eficiência da combinação das suas competências, adotando novos modelos de organização e gestão do trabalho.

Por último, numa visão de futuro do SNS não devemos, não podemos, esquecer o papel relevante e cada vez mais interveniente e pertinente das pessoas, dos cidadãos. O SNS do futuro tem necessariamente de ser um SNS das pessoas, participado, consultado, decidido em pluralidade e a várias vozes. As pessoas, os cidadãos terão de integrar a decisão política e estratégica do SNS.

Os desafios que se colocam e que desenham o SNS do futuro são muitos. No entanto, encontrámos a vontade de convergir como sociedade e como cidadãos, na crença fundamentada que o SNS é a melhor resposta para a cobertura universal de saúde devida a todos os portugueses.

Muito obrigada!